

Anexos

Anexo 1: Cronologia da publicação de obras de Eça de Queirós na China

Nome original da obra	Nome da obra em chinês	Nome de autor em chinês	Tradutor	Editora	Ano de publicação	Local de publicação	Nota
<i>O Crime do Padre Amaro</i>	阿马罗神父的罪恶	埃萨·德·克罗兹	翟象俊、叶扬	Shanghai Translation Publishing House 上海译文出版社	1984	Shanghai	
<i>O Crime do Padre Amaro</i>	阿马鲁神父的罪恶	艾萨·德凯依罗斯	顾逢祥、薛川东	Huashan Literature and Art Publishing House 花山文艺出版社	1985	Shijiazhuang (Hebei)	
<i>Os Maias</i>	马亚一家 (上/下)	埃萨·德·凯依洛斯	任吉生、张宝生	People's Literature Publishing House 人民文学出版社	1988	Beijing	Publicado em 2 volumes de capa mole

Nome original da obra	Nome da obra em chinês	Nome de autor em chinês	Tradutor	Editora	Ano de publicação	Local de publicação	Nota
<i>Os Maias</i>	马亚一家 (上/下)	埃萨·德·凯依洛 斯	任吉生、 张宝生	People's Literature Publishing House 人民 文学出版社	1988	Beijing	Publicado em capa dura
<i>A Cidade e as Serras</i>	城与山	埃萨·德·克罗兹	陈凤吾	Social Sciences Academic Press 社会科 学文献出版社	1991	Beijing	
<i>O Primo Basílio</i>	巴濟里奧表 兄	埃薩·德·盖羅斯	范維信	Huashan Literature and Art Publishing House 花 山文艺出版社	1994	Shijiazhuang (Hebei)	
<i>O Primo Basílio</i>	巴濟里奧表 兄	埃薩·德·盖羅斯	范維信	Instituto Cultural de Macau 澳門文化司署	1994	Macau	Publicado simultaneamente na China Continental pela Huashan Literature and Art Publishing House

Nome original da obra	Nome da obra em chinês	Nome de autor em chinês	Tradutor	Editora	Ano de publicação	Local de publicação	Nota
<i>Os Maias</i>	馬亞一家	埃薩·德·蓋羅斯	任吉生、 張寶生	Huashan Literature and Art Publishing House 花山文艺出版社	1995	Shijiazhuang (Hebei)	Publicado simultaneamente em Macau pelo Instituto Cultural de Macau
<i>Os Maias</i>	馬亞一家	埃薩·德·蓋羅斯	任吉生、 張寶生	Instituto Cultural de Macau 澳門文化司署	1995	Macau	Publicado simultaneamente na China Continental pela Huashan Literature and Art Publishing House
<i>A Relíquia</i>	聖遺物	埃薩·德·蓋羅斯	周漢軍	Huashan Literature and Art Publishing House 花山文艺出版社	1996	Shijiazhuang (Hebei)	Publicado simultaneamente em Macau pelo Instituto Cultural de Macau
<i>A Relíquia</i>	聖遺物	埃薩·德·蓋羅斯	周漢軍	Instituto Cultural de Macau 澳門文化司署	1996	Macau	Publicado simultaneamente na China Continental pela Huashan Literature and Art Publishing House

Nome original da obra	Nome da obra em chinês	Nome de autor em chinês	Tradutor	Editora	Ano de publicação	Local de publicação	Nota
<i>Os Maias</i>	馬亞一家	凱依洛斯	任吉生、 张宝生	Guangfu 光复	1998	Taiwan	
<i>O Crime do Padre Amaro</i>	阿馬羅神父 的罪惡	埃薩·德·克羅茲	翟象俊、 叶扬	Shanghai Translation Publishing House 上海 译文出版社	1999	Shanghai	
<i>A Capital</i>	首都	埃薩·德·蓋 羅斯	陈用仪	Hainan Publishing House / Sanhuan Publishing House 海南出版社、三 環出版社	2000	Haikou	Publicado simultaneamente em Macau pelo Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente
<i>A Capital</i>	首都	埃薩·德·蓋羅 斯	陳用儀	Instituto Cultural de Macau; Instituto Português do Oriente 澳	2000	Macau	Publicado simultaneamente na China Continental pela Hainan Publishing House / Sanhuan Publishing House

Nome original da obra	Nome da obra em chinês	Nome de autor em chinês	Tradutor	Editora	Ano de publicação	Local de publicação	Nota
				門文化司署、 東方葡萄牙學會			
<i>Os Maias</i>	馬亞一家	凱依洛斯	任吉生、 张宝生	Guangfu 光复	2001	Taiwan	
<i>O Mandarin</i>	滿大人	埃萨·德·盖 罗斯	周汉军	People's Literature Publishing House 人民 文学出版社	2014	Beijing	Publicado simultaneamente em Macau pelo Instituto Cultural de Macau
<i>O Mandarin</i>	滿大人	埃萨·德·盖 罗斯	周汉军	Instituto Cultural de Macau 澳门特别行政区 政府文化局	2014	Macau	Publicado simultaneamente na China Continental pela People's Literature Publishing Hous

Nome original da obra	Nome da obra em chinês	Nome de autor em chinês	Tradutor	Editora	Ano de publicação	Local de publicação	Nota
<i>Contos Seleccionados de Eça de Queirós</i>	溫柔的神蹟 - 克羅茲短篇小說選	艾薩·德·克羅茲	韩丽丽	Instituto Cultural de Macau 澳门特别行政区政府文化局	2017	Macau	Edição Bilingue (Português e Mandarin)

Anexo 2: Elementos de caracterização das religiões populares na China

(a) A religião popular chinesa é baseada nas noções comunitárias de família, bairro e aldeia, e praticada na vida quotidiana e nas atividades sociais, os seus líderes não são clérigos, mas sim pessoas locais com posições seculares. Isto significa que a religião popular chinesa é uma "camada sagrada" na vida quotidiana e nas atividades sociais, profundamente enraizada na estrutura social geral e nas suas instituições, ou seja, a religião e o secular estão indissoluvelmente integrados.

(b) A religião popular chinesa acredita que tudo no céu e na terra tem poder divino e que quase tudo na natureza pode ser um objeto de culto, porque o céu e a terra estão vivos e o seu poder e situação estão intimamente relacionados com os seres humanos.

(c) A religião popular chinesa acredita na sacralidade do tempo, por exemplo, o Ano Novo, o Festival do Barco do Dragão, o nascimento de um deus ou antepassado, e assim por diante. O tempo é cíclico e o recomeço do início é um momento emocionante de celebração, e por isso muitas celebrações divinas se realizam no Festival da Primavera ou na Primavera. O tempo também é sagrado para o indivíduo; por exemplo, acredita-se que os aniversários influenciam o destino, pelo que as pessoas estão sempre à procura de paus ou a contar fortunas em templos populares.

(d) Muitos dos deuses da religião popular chinesa foram transformados antropomorficamente. Como já foram humanos, são capazes de compreender a miséria da vida terrena; uma vez que depois se tornaram deuses, podem ajudar as pessoas a evitar o infortúnio. O reconhecimento oficial destes deuses reforçou o seu prestígio no povo comum.

(e) "Demónios e monstros" são também uma parte da religião popular chinesa. Matricialmente, as pessoas acreditavam que as catástrofes eram causadas por demónios e monstros, e que a única maneira de se livrarem deles era recorrer aos deuses. Como resultado, as religiões populares chinesas estão marcadas por manifestações de animação e vitalidade — rituais em que deuses e demónios

combatem, crentes se reúnem, gongos e tambores clamam e fogos de artifício são disparados. Esta animação não é loucura ou desordem, antes indica estrutura da tradição e restabelecimento da ordem.

(f) Os vários rituais da religião popular são concebidos para estabelecer uma boa relação entre o homem e deus. Para este fim, as ofertas são feitas aos deuses, e após os rituais, elas são levadas para casa para serem comidas e partilhadas com os deuses. Os rituais do festival são, de facto, um evento social geral — uma 'refeição em conjunto'. No entanto, todos os rituais devem ser cuidadosamente preparados de acordo com a tradição e não devem ser descuidados.

(g) O envolvimento e apoio de várias figuras religiosas é também uma característica estrutural da religião popular chinesa. As religiões populares chinesas são geralmente organizadas e mantidas por pessoas seculares. Mas quando há ocasiões de necessidade especial, são convidadas pessoas ilustres, tais como mestres de geomancia, adivinhos, mestres da lei, padres taoistas, etc. e, desta forma, a tradição clássica é infundida na tradição folclórica.

(h) O principal objetivo dos rituais religiosos populares chineses é resolver os problemas da vida quotidiana, tais como paz, sucesso, longevidade, harmonia familiar, e assim por diante. Isto demonstra claramente a praticabilidade da religião popular chinesa. Desde que o deus seja espiritual e responda a todos os pedidos, as pessoas irão venerá-lo. Desta forma, a religião e a vida secular tornam-se uma única vivência.

(i) Na religião popular chinesa, os deuses são símbolos da construção de uma ordem moral. Essencialmente, a visão do mundo popular expressa uma ordem cósmica à qual todas as sociedades humanas estão sujeitas. Isto significa que a adoração de deuses populares pode apoiar o código moral da sociedade. Tal facto é particularmente evidente nas óperas de entretenimento dos deuses nas feiras do templo, onde o bem e o mal se distinguem tão bem como o preto e o branco. Os livros populares também ensinam os caminhos da piedade filial e da boa vizinhança, e que é inútil venerar os deuses se alguém não seguir estes códigos morais. Os valores morais da religião popular chinesa podem ser explicados por um ditado comum: O bem e o mal terão a sua retribuição cármica quando chegar a sua hora.”

Nota final: A tradução nossa. O texto foi resumido em chinês por Zhang Zhigang em *Rethinking the Study of Chinese Folk Faith— From Fieldwork Research, Academic Crux to Theoretical Reconstruction*. Academic Monthly, 2016, Nov, 48(11), p. 13. O conteúdo original *The order and Inner Logic of Chinese Popular Religion* foi originalmente apresentado por Daniel L. Overmyer numa palestra pública na Universidade Chinesa de Hong Kong em 1998.

Anexo 3: Entrevista com a Prof.^a Doutora Cristina Zhou (Tradutora e Investigadora)

a) Entrevista original (em Chinês)

Autora: 首先非常感谢周淼教授能够接受我的采访，我们采访的内容主要就是想知道中文译者葡萄牙文学或者是葡萄牙语文学翻译经验，会碰到的困难以及如何解决的。非常期待周淼教授的分享那我们现在开始。首先能大概介绍一下您是如何开始葡萄牙文学的翻译生涯的？

Zhou: 嗯，好的，谢谢娜塔莉亚，我也很高兴参与你的采访，祝你的研究一切顺利。我就从自己的，相对浅薄的一些经验来稍微地谈一谈我的一些翻译的心得，其实说实话，翻译生涯谈不上，因为到现在为止，也就是就文学作品的话，也就是翻译了半本书，就是在去年初七月份也是七月份出版的《不安之书》，我是和北外的金心艺老师合译的。金老师，主要是翻译了那本书的前半部分我翻译了后半部分还有导读。我们采取的底本是 Jerónimo Pizarro 教授准备的《不安之书》编定本。所以说真的谈不上是个翻译生涯，因为我本身的研究主要是佩索阿的诗歌的研究，以及哲学思想，一些神秘学的思想有关的交叉型的研究，主要还是文学研究。翻译的话说实话不是那么经常做，虽然以前读大学的时候做过一点翻译，但那个也只能说是算是一些练习，而且是比较实用型，商业型的翻译。后来，在葡萄牙也做过一个翻译，翻译了我们之前科英布拉大学法学院院长的一本书叫《科英布拉大学法学院历史回顾》，它主要是关于科英布拉大学法学院的一个发展史，是兼具历史史料性和文学性的一部作品。我们的法学院院长他也是一位非常重要的学者，他的语言也很有特色，算是半个文学翻译的经验。《科英布拉大学法学院历史回顾》这本书是在2019年的十二月份才出版的，恰好在疫情之前。《不安之书》的翻译大部分的翻译的工作是在疫情期间完成的。所以文学类翻译是近几年才做的。

关于翻译经验，之前也没有接受过相关的翻译方面的培训，技术型翻译的一些知识

是在大学本科期间学到的，还有长期以来的自己就是阅读一些翻译作品的积累下来的一些作为读者的那种经验吧，当然自己上手翻的话遇到的这些具体的问题是完全不一样的。

关于为什么选择选择翻译 Fernando Pessoa，一是我的学术兴趣所在，另外机会也是金心艺老师介绍给我的，信任我并且邀请我和她一起翻译这本书。2018 年的时候，金老师在科英布拉这边进行她的博士研究的资料收集工作。二月份的时候收到了上海雅众文化公司曹雪峰编辑的一个邀请。所以是上海雅众公司先有想法来出《不安之书》这本书，我们其实是很有幸地接受到了邀请，那当然我更加荣幸了，因为是金星老师这对我的信任，以不是我选择翻译，而是我被选择了，所以也是一件非常有缘分的事情。很多时候我相信很多翻译者和作家或者和作者之间的一种互动，很多时候有一些命运性的东西在里面很难解释，也挺有意思的一件事情。

Autora: 刚才您说先是上海的雅众出版社有意向翻译并出版《不安之书》，现在国内有出版葡语文学意向出版社还多吗？

Zhou: 文学的翻译和出版，它首先跟有别于其他类型的书籍。它不是一个纯的商业性的行为，当然我们也需要考虑到一些收益方面经济效益方面的问题。文学翻译是“为爱发电”，我们是赚不到什么钱的，光是靠翻译费的话，那肯定是填不饱肚子的，当然里面形成原因有多种多样，也不是我们今天讨论的话题，先暂且不谈。我觉得文学翻译很大程度上还是需要得到国家层面的一种支持。就比如上一任葡萄牙驻华大使杜傲杰，在他的推动下，包括在上海在北京的与一些大型的出版公司以及高校教师合作，尤其是和上海外国语大学徐亦行老师，特别推动了一批作家譬如 António Lobo Antunes, Agustina Bessa-Luís 他们的一些作品的出版。像这样的作家作品的出版，虽然说在葡语圈内可能是有一定的影响力，但是在总的中国读者群当中不是那么的有影响力。所以说是需要葡萄牙通过官方的行为来推动这些作家葡语作家在中国的翻译和推广，这是有必要的，并且需要进行一定程度的支持。

关于葡萄牙文学就是在中国的出版的前景，据我的观察，我觉得现在有一个非常有趣的现象：因为葡萄牙语是一个全球性的语言，它不仅在葡萄牙有，还有巴西，还有非洲葡语文学，我个人感觉，反而是巴西和非洲葡语文学，尤其是非洲葡语文学，它在中国的读者群当中影响力在近几年来是可以说是突飞猛进，再加上中国本身对非洲葡语国家以及非洲的关注，我相信也会带动中国读者群对非洲文学的一些关注。葡萄牙语在这一点上其实是有优势的，所以我觉得，总体来讲葡语文学在中国发展可能哪怕现在接受度有一些小小的波动，但是总体来看我觉得应该是好的。

但是葡萄牙文学本身的话，我觉得可能还是要看怎样在中国与其它语种的文学也好，以及文学文化研究本身能够进行怎样的结合和交流，才能更好地看出它的前景来。我相信在中国的读者对佩索阿或者对卡蒙斯肯定就是有一定的兴趣，现在也翻译出版的书的也不少了，包括我刚才提到的《不安之书》，其实版本很多，好多版本也很有影响力，如韩少功，刘勇军从英语翻译过来的版本很多。但是，真正可能能够让读者产生兴趣，包括引导读者对佩索阿其他作品，以及葡萄牙文学其他作品产生兴趣，我觉得可能还是一条比较比较长的路吧，也要看高校以及社会层面怎么互动。目前来看的话，我觉得还是有一点脱节，就是翻译还是在管翻译，但是跟读者群交流可能还有点不够。当然从我的角度来看，我们的《不安之书》，因为是去年（2022 年）才出版。那个时候中国由于疫情还没有完全放开，今年我们基本上慢慢回归正常，我相信再过个一两年应该会回归到疫情之前的一个比较活跃的交流状态，这样一来肯定会带动我们的文学翻译也在各个层面的这种发展，所以说我还是有信心的，但是目前的确是一个比较怎么说比较比较尴尬，或者是比较 delicate 一个时期。

Autora:《不安之书》虽然是 2022 年七月才出版，但是我在豆瓣读书搜索时其实已经有很多评论了，而且读者总体给的分数也非常高，所以我感觉大家对于会所作者还是有兴趣，详细之后读者会更多关注到这本书的。

第三个问题就是您在翻译的时候有多大的自由度，比如说与原作者沟通，还有与出

版社沟通，以及与另一位译者的沟通情况是怎么样的？

Zhou: 以《不安之书》为例，因为我本身是研究佩索阿的，所以我觉得在翻译的层面上我的翻译肯定和例如韩少功先生的翻译是不一样的，因为韩少功的话它本身是一位作家，那么他的 priority 肯定是自我的这种表达；那我的话本身是研究佩索阿，我的出发点和更关注的点会跟他不一样。我想可能是有某种自我限制吧，因为毕竟也是出于我对佩索拉的这部作品的理解，去翻译它包括对于语言风格的选择等等。我跟金老师翻译的这本《不安之书》的结构跟其他版本《不安之书》有所不同，它是按照《不安之书》手稿的年代来翻译的。《不安之书》的语言风格是有比较明显的一个变化，它有一个早期风格和一个中晚期的风格，早期风格是金老师来负责翻译，晚期风格的话就是 Bernardo Soares 一个半佚名形象比较确定的时候，这部分主要是我来翻的。这其实这也有一定的好处，因为确实我跟金老师的语言风格也有着比较大的区别。所以我们翻译的时候其实是这样的就是她翻她的，我翻我的，翻完了之后，我们再交换相互看，看有哪些地方需要再去修改或者是统一的地方。其实翻译的过程非常的顺利，说实话我们并没有去刻意的去同化。翻译完之后我们也把自己的手稿就交给身边的朋友们，包括一些学者朋友们去让他们先看一看先 test 一下，得到的 feedback 也非常有意思：有些我翻译的部分他们会以为是金老师翻的，金老师翻译部分他们会就觉得可能是我翻的，所以在某种程度上也是有一种就是心有灵犀吧，很有意思。虽然说我们很遗憾没有办法跟原作者沟通，但是我们对佩索亚的作品也是有过比较深入的学习和思考，我和金老师也沟通过很多对佩索阿的理解，还是比较一致的，所以在翻译上面并没有太大的问题。出版社还是非常尊重我们的翻译进度和我们的翻译的习惯，没有催促，在这点上出版社的确还是给了我们极大的宽容和自由，这点我是肯定的。我们交稿之后，出版社的编辑到包括整个三省三校的过程，我个人感觉对译者的工作是非常尊重，他们提出的意见等等也都是有启发性的，所以我也觉得这次和雅众出版社的合作非常的愉快。

Autora: 关于与出版社之间的沟通我还想了解的是，在翻译之前他们有没有提出一

些要求，比如说更贴近中国读者或者是说要更多保留原作者的一些个人特色的？

Zhou: 出版社在方面倒是没有就是明确的提出这样的要求，当然在出版社正式确定与我们合作翻译这部作品之前我们也是翻译了一些样张给他们看的。2018 年年初的时候，我跟金老师一起也翻译了一些样张给他们看。我觉得出版社主要的顾虑就是因为出版的《不安之书》的中文译本确实也比较多，而我们的版本是直接 from 葡语翻译过来的，究竟有哪些新意？可以带来哪些新的东西？我觉得这是他们当时比较关注的一个方面。当时我记得很清楚，就是曹编辑他收到我们的样张之后他给金老师的回复是非常喜欢我们的翻译的成果，他觉得跟之前他接触到的一些版本完全不同。所以说当时也是给了他一个信心就是：从葡语翻译直接翻译成中文的版本跟从英语或者其他语种翻译成中文的译本肯定还是会有比较大的区别，所以可能可以给读者带来更新的一些体验。这点也给我跟金老师一个比较大的信心。

金老师有读过刘勇军的译本的，我的话刘勇军的译本没有完整的读过，我翻译的时候也没有参考他的那个译本，但是韩少功的译本我是读过的，所以有一些段落印象也比较的清晰，当然在翻译的时候，虽然会想到他做的一些就翻译方面的选择，但是我翻译的时候还是会尽量的翻译出一些就是自己的风格来。

Autora: 所以说中文译本，您基本上是没有太多参考，因为想要保留自己的风格，那其他的语言，比如说英文这些，您有参考吗？

Zhou: 英文的话有读过，但是没有去参考，因为既然是从葡语本身过来翻译，因为我人在葡萄牙，工作语言主要也是葡萄牙语，所以就没有再从再从英语方面去参考，因为英语的话主要也是 Richard Zenith 的版本，我们选择的《不安之书》的底本是 Jerónimo Pizarro 教授的底本跟 Richard Zenith 的版本区别还是比较大的，所以我就没有去参考他的那个一个版本。其实国内陈实老师的一个不安之书译本我想要看一看，因为陈实老师他是英语翻译出身，但是他也自己学了西班牙语，

所以我相信它翻译方面应该会有一些比较独特的地方。但陈实老师去世了，他翻译的不安之书版本比较罕见，不是那么容易拿到，所以还一直没有机会接触到。

Autora:关于您的译前思路是怎么样的呢？

Zhou:如果我不是自己有把握的那种翻译我是不会去做的，之前也收到过一些翻译的邀请，比如说是去翻译 Agustina Bessa-Luís 等等，时任葡萄牙驻华大使杜傲杰曾经问过我。但翻译是比较 risky 的事情，我觉得一个优秀的作家值得被好好的翻译过来。什么叫好好的翻译过来就是翻译者本身要对作家有一个非常至少是相对比较完整的一个了解，有一个掌握，要对作家他有所感触，有自己的这些想法。那么到目前为止，在葡萄牙的作家当中真正让我感觉到自己还算是相对比较了解，而且我自己还会有一些想法的其实也就是就是佩索。那么像翻译《不安之书》的话，那就不是只读一遍了，我已经读过很多很多遍了，而且在我学生生涯也好，或者是研究生涯也好的不同的阶段我都读过很多遍，包括这本书相关的研究也好，当然我自己也做过一些，就是围绕它的一些研究等等，那个也做了很多很多的工作，包括和其他的佩索阿学者的一些交流，还要与 Jerónimo Pizarro 的交流，他是我的博士论文的副导师。我的研究本身就是围绕佩索阿这样生长起来的，翻译的话可以说是一个副产品，因为我自己真的没有想到过去翻译他，这是一个很偶然也是很有缘分一件事。

Autora:那您的翻译是倾向于忠于原作者还是更忠于中国读者？

Zhou:我觉得，中国的读者也是多种多样的。我间接或者直接接触到的读者当中，有些读者是希望可以有那种原汁原味的感受，尤其是在诗歌方面，如果说读者本身有一些文学倾向，比如说一些诗人读者、作家读者，他们愿意看到一些不一样的东西，而且拥抱这些不一样的东西，这些会给他们的创作带来更大的启

发；但是有一些中国读者的话，他们希望就是读到的翻译过来的作品，不要有太多的翻译腔，就是说就是中国读者读上来还是可以感觉比较的流畅，不要太奇怪的感觉，所以说中国读者也多种多样。

但是，从我自己的翻译来看，我觉得翻译肯定还是得有一个顺序，我会先考虑就是怎么样更好的去贴近就尊重原文。这就比如说原文的一些我能够保留的，在我的第一遍翻译的时候我肯定尽量保留。但是，我翻译完了之后我肯定还得再读一遍，这时候就是以读者的眼光再去读一遍，得再理一遍。有一些太过突兀的或者一些虽然说跟原文可能比较贴近但是放在汉语语境当中非常生硬的那种表达就得把它改掉，所以说是有一个顺序的。我的顺序是先从原文出发，再从读者角度再看一遍。翻译的话，先翻译是一个部分，也是一个比较辛苦的部分，但是修改的话它是一个更加艰难但是也非常必要的，一个部分要磨好多次，因为我自己读还不够，还会再交给朋友读，中国的朋友，葡文完全不懂的朋友的也得让他们读一读，让他们看一看行不行，再接纳他的意见再改，就一遍一遍的改。

Autora: 我的理解是您在的在翻译的过程当中，其实是更贴近原作，在修改的过程中是考虑到了中国读者，可以根据中国读者修改一些比较生硬或者是比较难懂的地方。在您的翻译中您觉得哪一些是可以是一定要保留的，有哪一些是要变通？

Zhou: 我觉得每一个文学作品它有自己的特色，比如说有一些那个文学作品他最出彩的是一些比较非常新奇的表达。当然我们的《不安之书》中有不少这样的表达，像那些的话是一定要保留的，因为那些表达的话其实放在葡语语境当中也是非常新奇的，因为佩索拉在不安之处当中他又打破了语法上面的一些一些规范，它是非常现代主义的一种做法。那么这些地方是在翻译当中一定是费尽九牛二虎之力，把它表达出来的，哪怕是给他加注也是要解释清楚的。但是其他的那些方面层面的话可以就是让中国读者读上去或者听上去更加的顺耳或富有美感的那些都是可以变化的。

从《不安之书》来说，尤其是我翻译的那一部分有一个节奏感，有一种非常独特的节奏感，这种节奏感的话，很多时候体现在就是佩索阿或者是 Bernardo Soares 的对一些印象的一种堆砌：不同的意象出现的顺序也好，比如说里斯本上空空的云，楼房建筑等等，大自然的一些风景等等，它出现的意象出现的一些顺序它也是有讲究的不能随便打乱的。包括它的长短句，他有的时候他用的，甚至标点符号等，如果我们从葡语原文去看的话，可以非常明显地感受到他的这种节奏的美感。那么中文的话，有自己的特色，所以说，怎么样能把它的节奏感还原出来，尽可能的不去打断，这一点我在翻译当中还是就花了一些功夫的。

Autora: 有些文化符号可能仅存在于葡语文化中，但在中文中没有相对应的概念及表达。如果将翻译视为一个文化转换的过程，根据您的翻译经验，葡萄牙文学文本中的哪些文化方面会给翻译带来挑战？您又是如何解决的？

Zhou: 就我翻译《不安之书》当中没有那么多，佩索阿还是一个比较 cosmopolitan 比较国际化的一个作家。但是在其他的葡语作家，譬如说 Aquilino Ribeiro, Miguel Torga 等等，那肯定是有许多葡萄牙一些地区性，文化性的表达。佩索阿的话还 OK，并不是那么多，但是就是《不安之书》我翻译的部分至少加注的也不少。因为他这里面的一些典故，一些宗教性的哲学性的这些概念等等比较多，所以嗯，碰到的话就尽量还是通过加注来解决。至少有一个表达的话是就是翻译当中是处理掉的，就是在不安之书当中有一个表达就是。他有提到就是“在遥远异国发生的一些事情跟我有什么关系？即便是血和瘟疫都跟我没有任何关系”，这当然是佩索阿的一种比较极端个人精神的一种表现，有点 provocative 说出来让人吓了一跳的那种感觉，为了达到效果的。但是他的原文当中他用的不是遥远的异国而是用的是“中国”。这并不一定说是中国就是中国，而是一个在非常遥远的很远的国家。那么在翻译的过程当中，我们不能直接这样翻译过来，因为毕竟这是给中国读者看的，这会让人觉得非常的突兀。所以也没有必要做太多的解释，因为他的概念这本身就是一个虚职，在翻译的时候就把它

抹掉，没有做更多的解释免得越抹越黑吧。

有些问题在涉及到中国的时候也是一项不小的挑战，包括一些宗教性的一些概念就像我们刚才说的，有一些在中国出版的作品的话，那当然也是需要考虑这些都是需要考虑的就是怎么样子，能既尊重原文，又能够让它放到中国的语境当中来能够存活下来。所以就还是一个大的挑战。还有一些关于的宗教方面的问题，在中国出版是有一些规定要求的，在翻译中比如说有些字眼像“天堂”不能说，要把它改成“乐园”。它是作为敏感词，就是不能说出来的的话在会给文学翻译其实也会就是带来不小的挑战。我觉得宗教在国内还是一个比较敏感的一个话题，

Autora:我在研究的是《阿马罗神父的罪恶》这两个中译本其实涉及到了很多宗教的词汇。

Zhou:对，但是《阿玛多神父罪恶》它有一个好处，因为它毕竟是有一个批判的视角在里面。但如果一部文学作品当中他没有非常明确的批判视角的话，放在中国语境当中，就至少目前看来还是比较 tricky 或者还是比较 delicate 的一个工作。

Autora:您觉得在翻译过程中就是难度最大的一个地方，或者是出现最多问题的地方就是能稍微举个例子？

Zhou:不安之书当中肯定很多，因为你读过葡文原文的话，你也会发现它里面有太多模棱两可的句子，就是在葡语当中的话也是非常模棱两可的。我相信有很多的葡萄牙读者或葡语读者都会说：什么？这本书竟然还可以翻译过来？我读也读不懂。不过这是真的，因为这这本书里面确实有很多地方感觉像是自说自话一样，就是故意说的很模棱两可、很晦涩的让人听不懂。但是没有办法，就是晦涩的部分，你还是得把它晦涩的翻译出来对吧，他明确的部分，也得尽可能明确地

给它翻译出来。所以在这一点上是这本书当中我个人的感觉是有非常清晰的部分，怎么样把它翻译到我们中文来。我们中文有一个好处就是中文的确是非常的简练，有自己的这种美感，但是，如果用中文去翻译就是模棱两可的东西，有时候我觉得就会让人觉得会有一点点奇怪，会有点云里雾里的那种感觉，我觉得这种也许不是每个读者都能接受，但确实原文就是那个风格，就我们也没有办法。

所以只能就是尽量的，就是去尊重原文的风格吧，以及尽量充分地去利用中文的一些自己的特色和优势吧，因为我们都是学外语出身的，中文的话虽然平时也会写作，但是写作跟翻译毕竟是两回事。虽然说翻译当中也会需要就是把自己的母语运用的有一些创造性，那个创造性都不能高于至少要尊重原作风格，所以里面是确实是一个“带着镣铐跳舞”的这么一个过程。

Autora:对的，因为我在分析翻译作品的时候有的时候会觉得这个词更贴近，但是如果为了中文的流畅。他其实有的时候会牺牲掉一些原创性，您所说的这一方面的难度主要其实就是来自于他个人的风格，有一点意识流的感觉。

Zhou:有的，不安之书当中有很多。

Autora:还有一个就是最近比较讨论比较多的话题就是机器翻译，您有没有用过机器翻译？在这本书或者是以后的翻译过程中，您会不会考虑采用机器翻译？

Zhou:机器翻译确实现在来看他翻译发展的非常的迅猛。但是我觉得，在短期来看，至少在目前一两年来看，我觉得机器翻译还很难胜任文学翻译的工作，因为确实文学翻译他的背景信息太多了，机器翻译的话，我觉得暂时还没有这样的条件。我在翻译中从来没有借助过机器翻译，因为我个人觉得让机器翻译一句话，其实就问题挺大的，就翻译点就是单词小的那种，就是与词语的组合还 OK，但是如果是一句话或者一段话，那至少在中文跟葡文之间，我觉得还是难度比较大，两种西方语言

之间可能会稍微好一点，或者中文跟英文之间可能会好一点，但是中文直接跳到葡文，我觉得跳动跳的比较大。所以说我觉得在目前来看，至少接下来一两年我并不相信就是机器能够做到文学翻译的，我觉得还差一些。

Autora: 您认为一个好的翻译或者是文学翻译应该是怎么样的应该具备哪些品质？在您读过的葡萄牙文学中译本里哪一些是您觉得比较好的？

Zhou: 我觉得好的文学翻译，首先，他对原文原作品要有非常充分的了解，译者也要就是有自己的心得，就像我刚才说的，还有要对母语就是中文要掌握的要非常的精到，要有创造性。但是我觉得更重要的一点，也是很多人可能会忽视的一点，就是我觉得一个好的文学翻译，其实跟好的文学研究者一样，他要有非常强大的好奇心。非常强大的好奇心他要相信就是在他翻译的或者他研究的作者当中还会有很多很多的方面值得去挖掘出来，值得跟读者去分享。我个人觉得没有一个翻译或者是一个研究，可以说已经把能够研究的东西都研究到了，能够涉及到点都涉及到了已经万全了，没有可以再深入发展的地方，这是不可能的。文学之所以为文学可以不断地去启发大家。

到现在为止我印象比较深的从葡语翻译到中文的作品，是喻慧娟老师翻译的澳门小说家飞历奇的作品《爱情与小脚趾》。这个作品是我大学时候大一的时候读到的，我后来又去读了那本书的原文，再对比它的翻译我还是要说它的翻译真的是非常优美美好。虽然说里面可能还是有一点点的从葡文的理解来说可以商榷的地方的，但是总的来讲，他的语言风格也好，还有它的能表现出来的那种就是美感，以及包括飞历奇的语言的特色，它就是这可以说是完美的结合，给我留下了非常好的阅读体验。

Autora: 其实这个更多是译者自己的文学功底或者是中文表达功底给您留下比较深刻的印象。

Zhou: 对的没错。当然还有很多其他的那个作品，比如说范维信老师翻译的《修道院纪事》，我读的时候还没有学葡语，还有他翻译的 José Saramago 《失明症漫记》都给我留下非常深刻的印象。还有孙成敖老师，老翻译家，他翻译过是菲亚略（菲亚略·德·阿尔梅达）的一个短篇小说《美洲来的叔叔》也是翻译地非常美好，还有姚风老师翻译的诗歌等等。这些都是作品本身就是非常好的，文学作品就是可以值得咀嚼的，很耐嚼的。我非常喜欢那种耐嚼的就是，让人回味无穷的那种作品，还有金心艺老师翻译的米亚·科托《梦游的大地》也都是非常不错的翻译的精品。所以其实我们葡语界中是有很多的优秀的翻译者，还是非常让人值得开心的，也是我们中国读者的幸运吧，

Autora: 其实也是希望政府能有更有力的支持。

Zhou: 的确应该是一个从上而下的一个支持，因为从下而上的话很难。因为毕竟不是通俗小说，也不是八卦杂志，读者群哪有那么多。文学作品是对人类的文化都有推动意义的，能够促进互相理解、民心互通的，的确是应该从文化部也好，或者甚至外交部也好的层面推进的。比如说德国的歌德学院，与孔子学院有点像，他的支持是德国外交部，所以也是一种文化软实力的一种体现。中国现在也在提倡文化要走出去，那走出去的话是要对话的，光就是抛出去那是不行的，一定是要有一个对话，有一个交流。所以翻译不只是文学翻译，各个层面的这种翻译都是有必要的，所以我们呼吁可以有更多的支持。

有一些国家它有非常深厚的翻译传统。比如说中国的邻国韩国，虽然国家国土面积不大，它是一个翻译大国，一年翻译的作品是非常非常多的。有些国家他是特别重视翻译的，比如说像在德国哈，像翻译在德国的时候就翻译者跟原作者他地位也基本上是平行的，像咱们中国的话，现在可能稍微好一点，但是总的来说就是翻译还是处在一个比较弱势一点的隐身的地位。除非译者本身有一个名校光环或者有学者光环在那边那会不一样。但是总的来说的话，还是可以让人感觉到一

定的等级性，那这肯定对于翻译的长久健康发展是不利的，这肯定是要慢慢地去改进的一个事情。

Autora: 葡萄牙语或者是葡萄牙语文学在中国前景还是就是要靠政府的推动？

当然是政府推动了，政府们带个头对吧，就是这搞一些平台，那其实现在平台其实也不是没有，所以就是如何能够把大家在凝聚在一起这点，我从一个外人的角度，因为毕竟我是长期在葡萄牙，就我看国内的葡语圈，我感觉其实交流还可以更多一些，现在感觉还是有一点各自为营样子。当然这里面的背后的因素肯定还是多重多样的，每个高校有它自己的背景，自己的渊源，自己的学术传统等等。但是我觉得长久来看的话就是葡语，虽然说就是嗯，在中国开设葡语的院校那么多。但是葡语始终被视为一个小语种外，我个人感觉就是葡语文学研究或者翻译文学翻译，翻译研究等等，还可以更好的向大语种学习，比如像英语、法语、德语，学习怎样能够更好的去促进交流，分享一些就是翻译的心得等等。我觉得其实是比较重要的，包括跟其他语种进行交流，葡语跟西班牙语也好，葡萄牙语跟意大利语也好，葡萄牙语跟法语也好都有很多交流的点。还是要走出去吧，就不要关在自己研究室里面或者自己办公室里面一个老师带着几个学生就翻译，也可以多跟国外的同事交流，比如说我在葡萄牙这么多年来，那我也是研究 Fernando Pessoa，我也研究葡萄牙文学，但是国内就是比如说过来真的愿意过来交流的目前还是比较少。虽然说我们有很多的平台，但是这些平台还可以更好地利用起来吧。

Autora: 我觉得其实现国内葡语圈的交流，基本上都是在国情研究或者地区发展，对于文学的话就是还是相对较少的。

Zhou: 对的。区域国别研究那种类型的。但其实是相辅相成的，我觉得像这种做

区域国别研究或者是国情研究，他们研究的信息是瞬息万变的，就比如说我今天研究了七月份的葡语国家的发展趋势，到八九月份秋天的时候肯定就不一样了，谁知道九、十月份世界还会发生一个什么事情？但我们研究的文学的话，这是一个相对稳定的部分，它是一个核心型的一个东西非常稳定的它代表的是这一个说语言的这一个群体他最深刻的一些期待或者一些最深沉的一些本质性的东西，一些深层的东西甚至是他的困扰他的一些问题，最存在性的那种问题。所以我们研究的这些文学从文学可以研究到的东西或得到的经验是非常宝贵，也是相对稳定的。我觉得二者就是其实是，缺一不可吧。

当然是要从文学来看的话，首先研究文学工程比较浩大，对语言的要求，对学者素质要求也是比较高，它没有那么容易的培养出来。一个研究者没有很多年是培养不出来的，肯定还是要积累很多的阅读经验等等。还有就是就是当代短平快的这种模式，缺乏耐心的现状，还是得慢慢的去改变。

Autora: 非常感谢周教授您的分享。

b) Transcrição da entrevista com a Prof.^a Doutora Cristina Zhou (em português)

Autora: Antes de mais, gostaria de agradecer à Prof.^a Doutora Cristina Zhou por ter aceitado a minha proposta de entrevista. O objetivo da nossa entrevista é sobretudo conhecer a experiência dos tradutores chineses na tradução da literatura portuguesa, as dificuldades que encontraram e como as resolveram. Aguardo com expectativa a partilha da Professora Zhou. Antes de mais, pode dizer-nos como começou a sua carreira de tradutor de literatura portuguesa?

Zhou: Bem, obrigada. Tive muito prazer em participar na sua entrevista e desejo-lhe as

maiores felicidades para a sua investigação. Vou falar um pouco sobre a minha experiência de tradução a partir da minha própria experiência, relativamente superficial. Na verdade, para ser sincera, não posso falar sobre a minha carreira como tradutor, porque até agora traduzi metade do livro, ou seja, do 《不安之书》 o *Livro do Desassossego*, que foi publicado em julho do ano passado (2022), e cotraduzi-o com Jin Xinyi, professora da Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim. A Prof.^a Jin traduziu a primeira metade do livro e eu traduzi a segunda metade e a introdução. O texto de base do *Livro do Desassossego* que utilizámos foi a versão editada pelo Professor Jerónimo Pizarro. Portanto, não é propriamente uma carreira de tradução, porque a minha investigação é sobretudo sobre a poesia de Pessoa, mas também sobre o seu pensamento filosófico, algum pensamento oculto e outras investigações transversais, sobretudo na literatura. Para ser sincera, não faço tradução com muita frequência, embora tenha feito um pouco de tradução quando andava na universidade, mas isso foi apenas alguma prática, e era uma tradução mais prática e comercial. Mais tarde, fiz uma tradução em Portugal de um livro do Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra chamado 《科英布拉大学法学院历史回顾》 *A Faculdade de Direito de Coimbra em Retrospectiva*, que trata sobretudo da história do desenvolvimento da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, e é uma obra de interesse histórico e literário. O nosso diretor da Faculdade de Direito, que é também um académico eminente, tem uma linguagem muito própria, que é metade da experiência da tradução literária. 《科英布拉大学法学院历史回顾》 foi publicado apenas em dezembro de 2019, pouco antes da epidemia. A maior parte do trabalho de tradução do *Livro do Desassossego* foi feito durante a epidemia.

No que diz respeito à experiência de tradução, não recebi qualquer formação relevante em tradução anteriormente, e alguns conhecimentos de tradução técnica foram aprendidos durante os meus estudos de licenciatura, bem como alguma experiência como leitora, acumulada ao longo das leituras de algumas obras traduzidas durante muito tempo, mas é claro que os problemas específicos encontrados quando traduzo

sozinha são completamente diferentes.

Quanto à razão pela qual escolhi traduzir Fernando Pessoa, foi o meu interesse académico, e a oportunidade também me foi apresentada pela Prof.^a Jin Xinyi, que confiou em mim e me convidou para trabalhar com ela na tradução do livro. Em 2018, a Prof.^a Jin esteve em Coimbra para a recolha de dados para a sua investigação de doutoramento. Em fevereiro, recebeu um convite do editor Sr. Cao Xuefeng da editora Shanghai Yazhong Publishing House. Portanto, foi ele que teve a ideia de produzir a tradução do *Livro do Desassossego*, e tivemos de facto muita sorte em aceitar o convite, e claro que eu fiquei ainda mais honrada porque foi a Prof. ^a Jin que depositou a sua confiança em mim, de modo que não fui eu que escolhi traduzir, mas sim eu que fui escolhida, e foi uma oportunidade muito fadada. Muitas vezes penso que a interação entre tradutores e escritores ou autores tem coisas fatídicas que são difíceis de explicar, e é uma coisa muito interessante.

Autora: Afirmando que foi a Yazhong Publishing House que estava interessada em traduzir e publicar o *Livro do Desassossego*: há agora muitas outras editoras interessadas em publicar literatura portuguesa na China?

Zhou: A tradução e publicação de literatura é, antes de mais, diferente de outros tipos de livros. Não se trata de um empreendimento puramente comercial, mas temos de ter em conta alguns dos benefícios económicos. A tradução literária é "gerar eletricidade com o amor", não podemos ganhar muito dinheiro, apenas contar com a taxa de tradução. Não é certamente suficiente para encher o estômago, claro, há várias razões para a formação do interior, e não é o tema da discussão de hoje, por isso vamos deixá-lo de lado, por enquanto. Penso que a tradução literária ainda precisa de ser apoiada em grande medida pelo Estado. Por exemplo, o último embaixador de Portugal na China, José Augusto de Jesus Duarte, promoveu a publicação de obras de autores como António Lobo Antunes e Agustina Bessa-Luís, em colaboração com grandes editoras e professores

universitários de Xangai e Pequim, nomeadamente com o Prof. Xu Yixing, da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai. A publicação destes autores pode ter uma certa influência na comunidade lusófona, mas não tanto no público chinês em geral. Por isso, é necessário promover a tradução e a divulgação destes autores na China através de ações oficiais, o que deve ser apoiado em certa medida.

Em relação à perspectiva de publicação de literatura portuguesa na China, segundo a minha observação, há um fenómeno muito interessante: porque o português é uma língua global, não se encontra apenas em Portugal, mas também no Brasil, e também na literatura portuguesa africana. Pessoalmente, penso que, pelo contrário, é a influência da literatura lusófona brasileira e africana, e especialmente da literatura lusófona africana, entre os leitores chineses que tem vindo a aumentar nos últimos anos e, juntamente com a atenção da própria China aos países africanos de língua portuguesa e a África. Penso que também isso levou os leitores chineses a prestar alguma atenção à literatura africana. A língua portuguesa tem, de facto, uma vantagem neste aspeto, pelo que, de um modo geral, mesmo que haja algumas pequenas flutuações na aceitação da literatura portuguesa na China, a sua receção deverá ser boa.

Mas quanto à literatura portuguesa propriamente dita, penso que ainda temos de ver como é que ela pode ser combinada e trocada com a literatura de outras línguas na China, bem como com os estudos literários e culturais, para vermos melhor as suas perspectivas. Creio que os leitores chineses estão definitivamente interessados em Pessoa ou Camões, e há bastantes livros que já foram traduzidos e publicados, incluindo o *Livro do Desassossego* que acabei de mencionar, e há muitas versões (da sua tradução chinesa), muitas das quais são também muito influentes, como a de Han Shaogong e a de Liu Yongjun, que foram traduzidas do inglês. No entanto, penso que ainda há um longo caminho a percorrer para que os leitores se interessem por outras obras de Pessoa e por outras obras da literatura portuguesa, e isso depende da interação entre as universidades e a sociedade. Neste momento, penso que ainda há um pouco de desfasamento, ou seja, os tradutores ainda se encarregam de traduzir, mas pode não

haver ainda comunicação suficiente com o público leitor. Claro que, do meu ponto de vista, a nossa tradução do *Livro do Desassossego* só foi publicada no ano passado (2022). Nessa altura, a China ainda não se tinha liberalizado totalmente devido à epidemia, e este ano estamos basicamente a regressar lentamente à normalidade, e creio que dentro de um ano ou dois deveremos ser capazes de regressar a um estado de intercâmbio mais ativo antes da epidemia, o que levará certamente ao desenvolvimento das nossas traduções literárias a todos os níveis. Vivemos um período delicado.

Autora: A vossa tradução do *Livro do Desassossego* só foi publicada em julho de 2022, mas houve muitas críticas quando o procurei no Douban Books, e os leitores deram-lhe uma pontuação geral muito elevada, por isso tenho a sensação de que ainda há interesse no autor do clube e que os leitores vão prestar mais atenção ao livro depois. A minha pergunta seguinte é: que liberdade tem quando traduz, por exemplo, para comunicar com o autor original, bem como com o editor, e como é a situação de comunicação com uma co-tradutora?

Zhou: Tomo como exemplo a nossa tradução do *Livro do Desassossego*, porque eu própria sou uma investigadora de Pessoa, pelo que penso que a minha tradução é definitivamente diferente da do Sr. Han Shaogong, por exemplo, porque Han Shaogong é ele próprio um escritor, pelo que a sua prioridade é definitivamente a expressão do seu próprio ego; e como eu própria sou uma investigadora de Pessoa, o meu ponto de partida e os pontos em que estou mais preocupada serão diferentes dos dele. Penso que poderá haver uma espécie de autolimitação, porque, afinal de contas, é também a partir da minha compreensão da obra de Pessoa que o traduzi, incluindo a escolha do estilo linguístico, etc. A estrutura do *Livro do Desassossego* que traduzi com o Prof.^a Jin é diferente das outras traduções do *Livro do Desassossego*, na medida em que segue a cronologia do manuscrito. O estilo linguístico do *Livro do Desassossego* tem uma mudança relativamente óbvia: tem um estilo inicial e um estilo intermédio e tardio. O

estilo inicial é traduzido pela Prof.^a Jin, o estilo tardio é quando a imagem semianónima de Bernardo Soares é mais certa, e esta parte foi principalmente traduzida por mim. De facto, isto também tem algumas vantagens, porque há uma grande diferença entre o meu estilo de linguagem e o da Prof.^a Jin. Por isso, quando o traduzimos, optámos por uma estratégia: ela traduziu a parte dela, eu traduzi a minha e, depois de terminarmos, trocámos impressões e olhámos cada uma para a tradução da outra, para ver se havia algum ponto que precisasse de ser revisto ou uniformizado. De facto, o processo de tradução correu muito bem e, para ser sincera, não tentámos forçar a uniformização. Depois da tradução, também demos os nossos manuscritos aos nossos amigos, incluindo neles alguns académicos, para que dessem uma vista de olhos e os testassem primeiro, e o feedback foi muito interessante: algumas das partes que eu traduzi eles pensaram que tinham sido traduzidas pela Prof.^a Jin, e vice-versa, por isso, de certa forma, houve uma espécie de comunicação telepática, o que foi muito interessante. Embora lamentemos não poder comunicar com o autor original, estudámos e pensámos profundamente sobre a obra de Pessoa, e a Prof.^a Jin e eu comunicámos muito sobre o entendimento que temos de Pessoa, que ainda é relativamente consistente, pelo que não há grandes problemas na tradução. A editora respeitou muito os nossos progressos e os nossos hábitos de tradução, e não nos apressou. A editora deu-nos uma grande latitude e liberdade a este respeito, e disso eu tenho a certeza. Depois de submetermos o manuscrito, o editor aceitou todo o processo de três revisões e três correções de provas. Sinto pessoalmente que o trabalho dos tradutores é muito respeitado, foram ouvidos os comentários deles, por exemplo, e por isso também sinto que neste caso, o trabalho com a editora Yazhong foi uma cooperação muito agradável.

Autora: Há outra coisa que eu gostaria de saber sobre a comunicação com a editora: é se fizeram algum pedido antes da tradução, por exemplo, para ficar mais próximo dos leitores chineses ou para manter mais as características pessoais do autor original?

Zhou: A editora não o pediu explicitamente, mas nós traduzimos algumas amostras para a editora antes de os editores decidirem oficialmente trabalhar connosco na tradução – no início de 2018, traduzi algumas amostras, juntamente com a Prof.^a Jin. Penso que a principal preocupação da editora era o facto de já ter havido mais traduções chinesas publicadas do *Livro do Desassossego*, e a nossa versão ser uma tradução direta do português. Que coisas novas podíamos trazer? Penso que este foi um dos aspetos que mais os preocupou nessa altura. Nessa altura, lembro-me muito bem que o editor Cao, depois de receber as nossas provas, respondeu à Prof.^a Jin que tinha gostado muito do resultado da nossa tradução e que a achava completamente diferente de algumas das versões que tinha encontrado antes. Isso deu-lhe a confiança de que uma tradução direta do português para o chinês seria muito diferente de uma tradução do inglês ou de outras línguas, e que poderia trazer uma nova experiência aos leitores. Isto também deu a mim e à Prof.^a Jin uma maior confiança.

A Prof.^a Jin leu a tradução de Liu Yongjun, eu não li a completa, traduzi sem referência à sua tradução, mas li a tradução de Han Shaogong, pelo que há algumas passagens em que a impressão é relativamente clara. Durante a tradução, embora eu pense em algumas das escolhas que ele fez em relação à tradução, tentei fazer o meu melhor para a traduzir no meu próprio estilo.

Autora: Então, basicamente, não se referiu muito à tradução chinesa porque queria manter o seu próprio estilo, mas referiu-se a traduções noutras línguas, como exemplo a tradução inglesa?

Zhou: Li a tradução em inglês, mas não o referi porque foi traduzido do próprio português, e como estou em Portugal e a minha língua de trabalho é sobretudo o português, não voltei a referi-lo do lado inglês, porque em inglês era sobretudo a versão do Richard Zenith, e a versão que escolhemos para traduzir foi a versão editada pelo Prof. Jerónimo Pizarro, e era bastante diferente da versão de Richard Zenith, só por isso não

me referi a essa versão dele. De facto, gostaria de dar uma vista de olhos a uma tradução chinesa do *Livro do Desassossego* feita por Chen Shi na China, porque Chen Shi era um tradutor de inglês, mas também aprendeu espanhol, pelo que creio que deve haver alguns aspetos únicos na sua tradução. No entanto, o Sr. Chen Shi faleceu e a sua tradução do *Livro do Desassossego* é relativamente rara e não é fácil de obter, pelo que ainda não tive oportunidade de entrar em contacto com ela.

Autora: Qual é a sua abordagem na preparação para tradução?

Zhou: Não faria uma tradução se não tivesse a certeza, e já fui convidada para traduzir Agustina Bessa-Luís, etc., tradução que me foi pedida pelo então Embaixador de Portugal na China, José Augusto de Jesus Duarte. Penso que um bom escritor merece ser bem traduzido, e o que significa ser traduzido bem é que o tradutor deve ter uma compreensão muito boa, ou pelo menos relativamente completa, do escritor, e deve ser capaz de se relacionar com o escritor e ter as suas próprias ideias sobre ele. Até agora, entre os escritores portugueses, aquele que realmente me faz sentir que os conheço relativamente bem, e que ainda tenho algumas ideias próprias, é de facto Fernando Pessoa. Depois, a boa leitura, tal como a tradução do *Livro do Desassossego*, obriga a muitas leituras. No meu percurso de estudante ou de investigadora, li muitas vezes, em diferentes fases, incluindo a investigação relacionada com o livro, mas claro, também fiz alguma investigação minha, ou seja, à volta de alguma parte da investigação que me interessava mais, etc. Fiz muito trabalho sobre isso, incluindo intercâmbios com outros investigadores de Pessoa, e também com o Prof. Jerónimo Pizarro, que foi coorientador da minha tese de doutoramento. A minha investigação desenvolveu-se em torno de Pessoa, e a tradução é um subproduto disso, porque eu não tinha pensado em traduzi-lo, e foi uma estratégia muito fortuita, mas feliz.

Autora: Considera que a sua tradução tende a centrar-se no autor original Pessoa ou no

leitor chinês?

Zhou: Na minha opinião, os leitores chineses são diversificados. Entre os leitores que contactei indireta ou diretamente, alguns leitores querem ter essa sensação original, especialmente na poesia. e os próprios leitores tiverem alguma inclinação literária, como alguns leitores poetas e leitores escritores, estão dispostos a ver algo diferente e a abraçar essas coisas diferentes, o que trará mais inspiração para a sua criação; mas alguns leitores chineses, preferem uma obra traduzida sem demasiado sotaque de tradução, ou seja, os leitores chineses podem continuar a sentir-se mais fluentes e não demasiado estranhos ao lê-la. É por isso que os leitores chineses também são diversificados.

No entanto, do ponto de vista da minha própria tradução, penso que deve haver uma ordem de estratégias de tradução. Começarei por considerar a melhor forma de me aproximar do texto original e de o respeitar. Por exemplo, tentarei manter uma parte do texto original na minha primeira tradução. No entanto, depois de ter terminado a tradução, terei de o ler novamente, e depois terei de o ler novamente com os olhos do leitor, e terei de lhe dar sentido novamente. Algumas das expressões que são demasiado provocantes, ou que podem estar próximas do texto original mas são muito rígidas no contexto chinês, têm de ser alteradas. Por isso há uma ordem. A minha ordem é começar primeiro pelo texto original e depois voltar a lê-lo do ponto de vista do leitor. A tradução é uma parte do processo, e é também uma parte difícil, mas a revisão é ainda mais difícil, mas é também muito necessária. Tenho de retificar uma parte várias vezes, porque não basta ler sozinha, e dou-a aos meus amigos para lerem, aos meus amigos chineses e aos meus amigos que não sabem nada de português, por isso tenho de os deixar ler, deixá-los ver se funciona ou não, e depois tenho de aceitar as suas opiniões e depois alterá-la várias vezes.

Autora: Segundo o meu entendimento, no processo de tradução, está-se de facto mais

próximo da obra original e, no processo de modificação, tem-se em conta a expectativa dos leitores chineses e podem-se modificar algumas das partes mais rígidas ou difíceis de compreender, de acordo com os leitores chineses. Na sua tradução, que partes acha que devem ser mantidas e que partes devem ser adaptadas?

Zhou: Eu acho que cada obra literária tem as suas características próprias, por exemplo, há algumas obras literárias em que o mais notável é a novidade da expressão. Claro que há muitas expressões desse género no *Livro do Desassossego*, como aquelas que têm de ser preservadas, e são de facto muito inovadoras no contexto português, porque Pessoa quebra as normas da gramática no *Livro do Desassossego* e é uma abordagem muito modernista. Portanto, são estes os domínios que o tradutor deve esforçar-se por exprimir, mesmo que tenha de acrescentar uma nota para o explicar claramente. Mas outros aspetos do nível das palavras podem ser alterados para que os leitores chineses leiam expressões que soem mais agradáveis ou sejam esteticamente mais agradáveis ao ouvido.

No *Livro do Desassossego*, sobretudo na parte que traduzi, há um sentido de ritmo, um sentido de ritmo muito próprio, que se reflete muitas vezes no amontoado de impressões de Pessoa ou de Bernardo Soares: a ordem em que as diferentes imagens aparecem, como as nuvens sobre Lisboa, a arquitetura dos edifícios, etc., e a paisagem natural, etc., não deve ser alterada. Incluindo a alternância das frases longas e curtas, que por vezes ele utiliza, e até a pontuação. Se olharmos para o original português, podemos sentir muito claramente a beleza do seu ritmo. A língua chinesa, no entanto, tem as suas próprias características, pelo que me foi necessário algum esforço para restaurar o ritmo e não o interromper tanto quanto possível.

Autora: Alguns símbolos culturais podem existir apenas na cultura portuguesa, mas não têm conceitos e expressões correspondentes em chinês. Se a tradução é vista como um processo de transformação cultural, quais são os aspetos culturais dos textos literários

portugueses que, de acordo com a sua experiência de tradução, constituem um desafio para a tradução? Como é que os resolve?

Zhou: Não tanto na minha tradução do *Livro do Desassossego*, Pessoa é um escritor cosmopolita e internacional. Mas noutros escritores lusófonos, como Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, etc., há definitivamente muitas formas de expressão regional e cultural em Portugal. As palavras de Pessoa não são tão regionais, mas a parte do *Livro do Desassossego* que traduzi tem a necessidade de, pelo menos, muitas anotações, porque há neste autor muitas alusões culturais muitos conceitos religiosos e filosóficos. Por isso tentei resolver o problema acrescentando notas quando me deparei com elas. Há pelo menos uma expressão que é tratada na tradução e que se encontra nele. Ele mencionou: "O que me importa se algo acontece numa terra distante? Mesmo o sangue e a peste não têm nada a ver comigo", o que é, evidentemente, uma manifestação do individualismo extremo de Pessoa, e é um pouco provocatório para assustar as pessoas, para ter efeito. Mas no texto original, Pessoa usou a palavra "China" em vez de "um país estrangeiro distante". Isto não significa necessariamente que a "China" seja a China, mas sim um país que está muito longe. Por isso, no processo de tradução, não podemos traduzi-lo assim, porque, afinal, é para leitores chineses, e isso faria com que as pessoas se sentissem muito chocadas. Por isso, não há necessidade de dar demasiadas explicações, porque o seu conceito é, em si mesmo, uma metáfora, na tradução do tempo para o apagar, não dei mais explicações ao leitor, para que ele não ficasse menos recetivo.

Algumas das questões relacionadas com a China são, de resto, um grande desafio, incluindo alguns dos conceitos religiosos. Como acabámos de dizer, há algumas obras publicadas na China, e é claro que também é preciso ter em conta que é preciso saber como olhar, respeitar o texto original, mas também permitir que seja colocado no contexto chinês para poder sobreviver. Por isso, traduzir continua a ser um grande desafio. Há também algumas questões religiosas. Existem algumas regras e requisitos

para a publicação na China. Por exemplo, na tradução, algumas palavras como "paraíso" não podem ser ditas “天堂 [jardim celestial]”, têm de ser alteradas para "乐园 [jardim alegre]". Trata-se de uma palavra sensível, ou seja, as palavras que não podem ser ditas na tradução literária irão, de facto, provocar um grande choque. Penso que a religião continua a ser um tema sensível na China.

Autora: As duas traduções chinesas de *O Crime do Padre Amaro* que estou a estudar também envolvem, de facto, muito vocabulário religioso.

Zhou: Sim, mas *O Crime do Padre Amaro* tem uma vantagem, porque tem uma perspetiva crítica. Mas se uma obra literária não tem uma perspetiva crítica muito clara, então, no contexto chinês, pelo menos por enquanto, ainda parece ser um trabalho bastante complicado, ou delicado.

Autora: Na sua opinião, qual é um dos aspetos mais difíceis do processo de tradução, ou um dos aspetos mais problemáticos do processo de tradução? Pode dar-me um exemplo?

Zhou: Há definitivamente muitos exemplos no *Livro do Desassossego*, porque se lerem o original português, também vão descobrir que há muitas frases ambíguas, e mesmo na língua portuguesa as palavras são muito ambíguas. Tenho a certeza de que há muitos leitores portugueses ou lusófonos que dizem: "O quê? Este livro pode sequer ser traduzido? Eu nem sequer o consigo ler." Mas é verdade, porque há muitas passagens neste livro em que parece que o narrador está a falar sozinho, ou seja, é intencionalmente muito ambíguo e obscuro, para que as pessoas não o entendam ou para que se perguntem se estão mesmo a entender o que leram. Mas não há maneira de o contornar, temos de traduzir as partes obscuras, certo, e as partes que são claras, têm de ser traduzidas o mais claramente possível. Por isso, nesta altura do livro, o meu sentimento pessoal é que há uma parte muito clara de como traduzi-lo para chinês. O

nosso chinês tem a vantagem de ser, de facto, muito conciso e de ter o seu próprio sentido de beleza, mas se o chinês a traduzir for ambíguo, por vezes, penso que fará com que as pessoas se sintam um pouco estranhas, que esse tipo de sentimento seja um pouco nublado, penso que este tipo de situação pode não ser aceite por todos os leitores, mesmo quando, de facto, o texto original tem esse estilo.

Por isso, só podemos tentar respeitar o estilo do original e tentar utilizar plenamente algumas das características e vantagens da língua chinesa, porque estamos a apreender uma língua estrangeira a partir da língua chinesa. Embora normalmente também escrevamos, mas a escrita e a tradução são, afinal, duas coisas diferentes. Embora a tradução também precise de utilizar a sua língua materna e tenha alguma criatividade, essa criatividade não pode ser maior do que o estilo da obra original, ou seja, pelo menos deve respeitar o estilo original, pelo que se trata realmente de uma "dança com grilhetas".

Autora: Pois, quando estava a analisar as traduções, houve alturas em que senti que outra palavra seria mais relevante, mas se fosse por uma questão de fluência em chinês, por vezes, o tradutor podia sacrificar alguma “verdade” do original. A dificuldade que referiu nesta área, e que tão bem mencionou, advém principalmente do estilo pessoal de Pessoa, que tem um pouco de fluxo de consciência.

Zhou: Sim, há muitos fluxos de consciência no *Livro do Desassossego*.

Autora: Outro tema que tem sido muito discutido recentemente é a tradução automática. Já utilizou a tradução automática? Consideraria a hipótese de utilizar a tradução automática em futuras traduções?

Zhou: A tradução automática está, de facto, a evoluir muito rapidamente. Mas penso que, a curto prazo, pelo menos nos próximos um ou dois anos, a tradução automática

continua a ser muito difícil para um trabalho de tradução literária competente, porque é verdade que a tradução literária tem demasiada informação de base. A tradução automática, por enquanto, não tem essas condições. Nunca tive a ajuda da tradução automática na tradução. Porque eu pessoalmente acho que é um grande problema para uma máquina traduzir uma frase complexa. Se for apenas uma combinação de palavras ou frases, tudo bem, mas se for uma frase ou um parágrafo, acho que ainda é difícil, pelo menos entre chinês e português. O processo é provavelmente um pouco melhor entre duas línguas ocidentais, ou entre chinês e inglês, mas saltar diretamente do chinês para o português, acho que é um grande salto. Por isso, neste momento, pelo menos nos próximos um ou dois anos, não acredito que as máquinas possam fazer tradução literária, acho que ainda falta um bocadinho.

Autora: Que qualidades acha que deve ter um bom tradutor ou tradutora literária? Quais são as boas traduções chinesas da literatura portuguesa ou lusófona que já leu?

Zhou: Penso que um bom tradutor literário, em primeiro lugar, deve ter uma excelente compreensão da obra original, e o tradutor deve ter as suas próprias ideias, tal como disse anteriormente, e deve ter um ótimo domínio da sua língua materna, o chinês, e ser criativo. Mas penso que um ponto mais importante, que muitas pessoas poderão ignorar, é que um bom tradutor literário, de facto, tal como um bom investigador literário, tem de ter uma curiosidade muito forte. Uma curiosidade muito forte para acreditar que há muitos, muitos aspetos dos autores que traduz ou investiga que vale a pena desenterrar e partilhar com os seus leitores. Pessoalmente, acho que nenhum tradutor ou investigador pode dizer que já pesquisou tudo o que pode ser pesquisado, e que já cobriu todos os pontos que podem ser cobertos, e que já cobriu tudo, e que não há sítio onde possa ir cada vez mais fundo, o que é impossível. A razão pela qual a literatura é literatura é o facto de ela poder continuar a inspirar sentidos a toda a gente.

A tradução de português para chinês que mais me impressionou até à data foi a tradução

feita por Yu Huijuan do romance *Amor e Dedinhos de Pé*, da romancista macaense Fei Liqi (Henrique de Senna Fernandes). Li esta obra quando era calouira na faculdade e depois li o texto original do livro e, em comparação com a sua tradução, continuo a dizer que a tradução é realmente muito bonita e agradável. Embora ainda possa haver um pouco de compreensão duvidosa do português, em geral, o seu estilo de linguagem pode mostrar um semelhante tipo de beleza, bem como incluir as características da linguagem do autor original, é isto que se pode dizer ser a combinação perfeita, deixando-me uma experiência de leitura muito boa.

Autora: Na verdade, o que a impressionou mais foi a capacidade literária do tradutor ou a sua capacidade de expressão em chinês...

Zhou: É verdade. Claro que há muitas outras obras, por exemplo, a tradução do Sr. Fan Weixin de *Memorial do Convento*, que li antes de aprender português, e a sua tradução de *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago, que me deixaram uma impressão muito profunda. Há também o Sr. Sun Cheng'ao, um velho tradutor, que traduziu o conto *O Tio da América* de Fialho (Fialho de Almeida), que também foi traduzido lindamente, bem como o Sr. Yao Feng, um professor que traduziu os poemas [de Eugénio de Andrade e de poetas portugueses contemporâneos], etc. São todos trabalhos que são muito bons em si mesmos. Todas estas obras são muito boas por si próprias, e a literatura é algo que se deve mastigar. Gosto muito do tipo de obras que se mastigam, do tipo de obras que fazem com que as pessoas tenham uma memória profunda, e a tradução da Prof.^a Jin Xinyi de *Terra Sonâmbula* de Mia Corto é também uma tradução muito boa. Portanto, há muitos bons tradutores no mundo lusófono, o que nos deixa muito felizes, e é também a sorte dos nossos leitores chineses, certo?

Autora: Claro, espera-se também que haja um apoio mais forte por parte oficial.

Zhou: De facto, deveria ser um apoio a partir de cima, porque é difícil fazê-lo a partir de baixo. Afinal de contas, não se trata de traduzir um romance popular, nem de uma revista de mexericos com um grande número de leitores. A literatura serve para promover o significado da cultura humana, pode promover a compreensão mútua, os corações e as mentes das pessoas e, de facto, deve ser função do Ministério da Cultura ou mesmo do Ministério dos Negócios Estrangeiros um certo nível de promoção. Por exemplo, o Goethe-Institut da Alemanha, que é algo semelhante ao Instituto Confúcio, é apoiado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão, pelo que é também uma manifestação de *soft power* cultural. A China está agora a defender a necessidade de a cultura sair, e sair exige diálogo. Não basta só exportar a cultura, tem de haver um diálogo e um intercâmbio. Por conseguinte, a tradução não é apenas para a literatura, mas também para todos os níveis culturais, pelo que apelamos a um maior apoio dos governos.

Alguns países têm uma tradição muito profunda no domínio da tradução. Por exemplo, a vizinha da China, a Coreia do Sul, embora não seja um país grande, é um grande país de tradução, traduzindo muitas obras por ano. Alguns países prestam especial atenção à tradução. Por exemplo, na Alemanha, onde o estatuto do tradutor e do autor original é basicamente paralelo. Na China, agora, pode ser um pouco melhor, mas, em geral, a tradução continua a ter uma posição mais fraca e um pouco invisível. A não ser que o próprio tradutor tenha uma aura académica, então será diferente. Mas, de um modo geral, as pessoas continuam a sentir uma rígida hierarquia entre o autor e o tradutor, o que é definitivamente desfavorável ao desenvolvimento saudável da tradução a longo prazo, e isto é definitivamente algo que deve ser melhorado lentamente.

Autora: Quanto ao desenvolvimento da língua portuguesa ou da literatura portuguesa na China, temos nós de contar com o governo para as promover?

Zhou: É claro que o governo deve assumir a liderança, é certo, e, de facto, agora a

plataforma também existe, mas é necessário refletir sobre a forma como ela se pode aproximar melhor das pessoas. Eu tenho um ponto de vista de fora, porque eu estou em Portugal há um longo tempo, mas quando eu olho para o círculo de língua portuguesa na China, eu sinto que, de facto, o intercâmbio pode ser um pouco maior, mesmo se, agora, eu sinto que há um olhar de campo mais vasto. É claro que os fatores que estão por detrás disto são muitos e variados, cada universidade tem o seu próprio contexto, as suas próprias origens, a sua própria tradição académica, etc. Mas penso que, em geral, a língua portuguesa, apesar de existirem tantas instituições e universidades com curso de Língua Portuguesa na China, é sempre considerada como uma língua pequena. Eu, pessoalmente, sinto que é preciso refletir como o estudo da literatura portuguesa, a tradução da literatura, ou a investigação da tradução, etc. podem aprender com as línguas maiores, como o inglês, o francês, o alemão, para aprender a promover melhor os intercâmbios, para partilhar um pouco do que é a experiência da tradução, etc. Penso que é realmente mais importante comunicar com outras línguas e, por exemplo, entre o português e o espanhol, o português e o italiano, o português e o francês, há muitos pontos de comunicação. Também é importante sair do expectável, não ficar fechado dentro da sua própria área de investigação ou do seu próprio gabinete onde um professor com alguns alunos traduz, mas também comunicar com colegas estrangeiros. Eu, por exemplo, estou em Portugal há muitos anos, e também estou a investigar um autor português como Fernando Pessoa, também eu estudo literatura portuguesa. O processo é certamente difícil: neste momento, o mercado ainda é relativamente pequeno. Há poucas pessoas. E embora tenhamos muitas plataformas, estas plataformas podem ser mais bem utilizadas.

Autora: Eu acho que, bem, na verdade, hoje a comunicação nos círculos da língua portuguesa na China tem por base o estudo sobre as condições nacionais ou o desenvolvimento regional, e ainda há relativamente pouco interesse pelo valor da literatura.

Zhou: É verdade. Mas penso que os estudos regionais se complementam com o nosso estudo, e que as informações deste tipo de estudos regionais estão a mudar rapidamente. Por exemplo, estudei hoje a tendência de desenvolvimento dos países lusófonos em julho, quando chegarmos ao outono, em agosto ou setembro, já será diferente, quem sabe o que vai acontecer no mundo em setembro ou outubro? Mas a literatura que estudamos é uma informação relativamente estável, é uma informação central, é muito estável, representa algumas das expectativas mais profundas ou algumas das coisas essenciais mais profundas, algumas das sensações mais profundas ou mesmo alguns dos problemas mais existenciais que afligem um grupo de pessoas que falam uma mesma língua. Por isso, as coisas que podemos estudar ou as experiências que podemos obter da literatura que estudamos são muito valiosas e relativamente estáveis na sua validade. Penso que as duas vertentes de informação são, de facto, uma, não se pode ter uma sem a outra, acho eu.

Claro que, se olharmos para a literatura, em primeiro lugar, o estudo da literatura é um projeto enorme, e os requisitos linguísticos e a qualidade dos académicos são relativamente elevados, pelo que não é assim tão fácil formá-los. Um investigador não pode ser formado sem muitos anos de estudo, e tem de acumular muita experiência de leitura, etc. Há também o facto de persistir um modelo contemporâneo que valoriza o que é curto e rápido, mas a nossa falta de paciência para o estudo, em profundidade, tem de ser alterada lentamente.

Autora: Muito obrigada pela sua partilha.